

Uma reflexão

O modernismo do início do século XX surgiu logo após uma epidemia de tuberculose, doença que era a principal causa de morte na época, exceto para quem podia aceder a tratamento em sanatórios, onde tinham acesso aos efeitos curativos da luz solar, do ar fresco e do exterior.

Os arquitetos modernistas foram assim influenciados pelos tempos que viveram, e, obcecados que estavam por doenças, passaram a incluir nos seus projetos, como aconteceu com Le Corbusier e Alvar Aalto, clarabóias, desenvolvendo um novo tipo de arquitetura que incorporava sol, ar, espaços abertos e um conceito mais saudável de os viver.

Ao longo da história, as epidemias influenciaram a conceção das casas, dos prédios e das cidades.

Nos anos de 1800, as condições de insalubridade e de sobrelotação contribuíram para a disseminação da cólera, causando várias epidemias, o que estimulou a construção de novos sistemas de saneamento básico, bem como o aparecimento de novas leis de ordenamento urbano como reação ao congestionamento das aglomerações.

A tuberculose e a pneumonia estavam entre as principais causas de morte no início do século passado nos Estados Unidos, no Reino Unido, na Austrália e pelo mundo fora, incluindo Portugal. Depois veio a febre espanhola, que nos atingiu gravemente, devido a culturas de aglomeração, como os festejos religiosos, os mercados de rua, etc., que ditaram tantas mortes.

E a arquitetura e o ordenamento urbano vão aprender algo de novo? É que nesta época de nova pandemia, umas pessoas vivem em apartamentos, outras em vivendas, grandes e pequenos, isolados ou em aglomerados, e a proxémica e a háptica adquirem novos significados. A primeira, que releva da proximidade física, encontra-se interdita ou condicionada no que se designa por distância social; a segunda, tendo o dia 22 passado sido consagrado ao abraço, reforça a anterior, interditando-nos o toque.

Qual será o impacto destas duas áreas numa outra, a proxémica, na qual a linguagem corporal e, em particular, as expressões faciais, se ocultam por detrás de uma máscara profilática?

Ficam estas palavras para reflexão...

Por António Moreira (moreira@ua.pt), para a Rádio TerraNova, maio 2020
Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores,
Departamento de Educação e Psicologia,
Universidade de Aveiro